

Combate iniciático e guerra profana

Por N. L. Hernández; palestrante: P.Lazaro (GL Argentina)

O Templo que o Rei Salomão construiu substituiu o Tabernáculo como o único centro de adoração para as doze tribos de Israel. Saqueado, profanado e destruído pelos babilônios durante o terceiro cerco de Jerusalém por Nabucodonosor II em 587 aC, que também deportou os judeus para a Babilônia. A destruição do templo e a deportação vieram em resposta a uma profecia. Hoje nos reunimos aqui em Israel, a poucos passos do Templo que sustenta o mito de Hiram, pilar fundamental da Maçonaria. 2600 anos depois, o mundo vive novamente uma guerra de derivações inesperadas. Acredito que mais de um maçom se perguntou como é possível assumir nosso humanismo declarado e nos abstrair desse tempo que temos que viver.

Daqui a alguns meses, as Constituições de Anderson de 1723, da Maçonaria especulativa moderna, completarão 300 anos de sua promulgação e são o resultado de uma longa evolução de mentalidades e espíritos, cujos postulados mantêm uma atualidade surpreendente.

O artigo II das nossas “antigas obrigações” constitui, segundo os seus autores, a “Lei Fundamental da Maçonaria Universal”, proclama que o Maçom é um cidadão pacífico perante os Poderes Civis, onde quer que resida ou trabalhe, nunca se envolvendo em conspirações e conspirações contra a paz e o bem-estar da Nação, nem faltar aos seus deveres para com os magistrados. A guerra aludida neste texto é o caso em que um maçom pode ser levado a agir contra um poder que o oprime;

a paz à qual a Maçonaria se declara ligada é uma paz civil dentro das fronteiras da nação.

O Artigo II continua: Assim, se um irmão se rebelou contra o Estado, ele não deve ser apoiado em sua rebelião, não importa quanta pena seu infortúnio possa inspirar; mas se este Irmão não for condenado por nenhum outro crime, ainda que a leal irmandade tenha o dever e a obrigação de repudiar sua rebelião, por motivos alheios ou políticos, suspeitos pelo governo no poder, não poderá ser expulso da Loja e de seus pois as relações com ela permanecem indissolúveis. Nos termos da sua “lealdade inabalável” e de uma “total devoção à pátria”, a Maçonaria não hesita em proteger tal membro, desde que não seja considerado “criminoso” do ponto de vista da moral comum, e na medida em que pois suas ideias são compatíveis com os ideais coletivos da Maçonaria. Em outras palavras, dentro dos limites indicados, a Loja deve permanecer para este “rebelde” o refúgio de sua liberdade de consciência, sob a condição expressa de que sua ação externa não comprometa a neutralidade da Ordem com relação aos poderes constituídos.

Os maçons devem, portanto, respeitar as leis e a autoridade legítima do país em que vivem e se reúnem livremente e defendem o pacifismo dentro das Lojas. Mas diante do problema da guerra entre as nações, aparentemente contraditório com a ideia de fraternidade universal pela qual trabalhamos, pelo menos dentro dos Templos, mas também muitas vezes especificamente fora, a frase retirada do capítulo 1 de nossa Constituição expressa: “exceto” em no caso de uma guerra externa, suas ações são deixadas aos “imperativos de sua consciência”.

O que acontece então com um maçom que pega em armas nesta guerra moderna contra outra nação?

Posso afirmar que os maçons têm feito ouvir as mais variadas opiniões sobre a guerra atual em todo o mundo, a Carta de Lima, assinada pelas 94 Potências que compõem a Confederação Maçônica Interamericana, é um exemplo convincente disso.

O “combate iniciático do maçom” frente ao combate armado.

Quando a venda cai de nossos olhos no dia de nossa iniciação, várias espadas ameaçadoras são apontadas para nosso peito, fazendo-nos imaginar imediatamente a gravidade vital de nosso compromisso. Eles não são apenas acessórios de um teatro cerimonial, mas também um símbolo poderoso. Ficamos impressionados e maravilhados com todo um vocabulário que tem a ver com Honra e Dever, com os significados cavaleirescos contidos nessas palavras. E quando, ao final das provas iniciáticas, com o golpe de sua espada flamejante, o Venerável Mestre da Loja, bem como coroado com um verdadeiro título de cavaleiro, somos recebidos como aprendizes.

Através da iniciação maçônica, simbolizada por práticas cuja origem cavaleiresca parece inquestionável, somos então introduzidos na ideia de que se pode viver diariamente um estranho heroísmo, que não exige derramamento de sangue, mas uma vigilância constante da nossa lealdade, respeito pelos juramentos, e reconhecimento de valores. Só podemos ter uma palavra, a boa palavra, aquela através da qual se exprime a nossa profunda e íntima convicção, embora possa e deva ser com a abertura de um humanismo tolerante. Uma luz apareceu em nossa vida, a luz dos valores. Um fervor agora vive em nós, começamos a acreditar novamente na possível conquista da grandeza humana.

Entendemos em que sentido falamos de “combate iniciático”?

A iniciação nos revela o Outro como aquela parte de nós mesmos que ainda não havíamos explorado.

A guerra “profana”, porém, somente através de falácias, calúnias e enganos organizados, pode ser feita para ser aceita por aqueles que são forçados a travar ou sofrer. Intimamente ligado a “mentir aos outros” e “mentir a si mesmo”, para transformar um indivíduo, um grupo social ou um povo, para obrigá-lo a desempenhar o papel de “bode expiatório”, para reduzi-lo a fascistas, antifascistas, comunistas, capitalistas, muçulmanos, católicos, judeus, protestantes, negros, amarelos, brancos, vermelhos, dependendo do lugar e da época. Ressaltemos que a igualdade pregada pela Maçonaria, sem fraternidade, não vale nada. É contra esse processo de empobrecimento que a iniciação maçônica levanta a evidência do Ser. Se, no entanto, nós, maçons, éramos os “cavaleiros” modernos (como é apontado em muitas passagens da REAA), deve-se reconhecer que a maioria de nós não obteve, pelo menos no campo iniciático, nossas qualificações para a experiência de guerra. A guerra permanece aos nossos olhos um mistério que continuaremos a questionar.

Isso não significa para nós que não pudemos, que não podemos e não poderemos escapar, em nome do ideal humanitário, do duro trabalho da guerra? Recordemos aqui o nosso irmão Henry Dunant, que, em vez de condenar a guerra como algo intrinsecamente mau, aceitou a ingrata e sublime tarefa num momento em que uma nação teve de suportar os amargos frutos do momento. Vamos pensar, neste momento, quantos irmãos estão na linha de frente.

No entanto, nossa realidade está longe desse ideal maçônico, e nos vemos, no Ocidente, justificando a intervenção armada por diferentes razões.

Se a guerra moderna, ao contrário da descrita nas Constituições de Anderson, não está mais centrada em Deus, mas no Homem (com letras maiúsculas) e se a religião, outrora vertical, outrora transcendente, deu lugar a religiões chamadas “ideologias” e “nacionalismos” o ódio mais feroz entre parentes, entre irmãos: vamos ver o que está acontecendo agora.

Compreendemos então em que sentido um Maçom pode pensar em ir para a guerra: primeiro para ser fiel ao seu juramento de fidelidade à sua pátria, aos seus deveres de cidadão que podem exigir o empenho da sua vida; mas também para trazer um raio de humanidade ao desencadeamento odioso da violência, ao não sucumbir ao transe coletivo sacrificial, guerra esse pesadelo moderno que enfrentam.

Pensamos no inimigo espumando pela boca, terrível. Atrás dele, todo o desamparo do pobre marido, do pobre primo ou irmão, do pobre torcedor de futebol e amigos. Ele é um homem comum, um homem como eu, poderíamos até ser excelentes amigos, mas nós o matamos. Infelizmente, a face do adversário não está mais tão próxima como poderia estar em tempos passados, nas condições em que se conduz a guerra moderna, tecnológica, telecomandada, química ou bacteriológica.

O Maçom é, em essência, certamente pacífico; ele abraça o ideal da não-violência, e o pratica, dialogando com os antagonistas de seu próprio pensamento.

As Constituições de Anderson retomam esta ideia quando afirmam que é próprio deixar a “cada um a sua opinião particular e característica de ser homem bom e leal... independentemente das denominações ou crenças que os possam distinguir. Assim, o dogma monolítico da religião é substituído pela diversidade e pluralidade

de cada consciência em busca da verdade. Portanto, a afirmação da Liberdade, da Tolerância, torna-se o critério da verdadeira Igreja”.

Depois do fantástico progresso da ciência e da tecnologia, de que hoje desfrutamos, vão nos dizer que esses princípios expiraram ou estão ultrapassados? Pelo contrário. Não é apenas necessário que os maçons os reconheçam, mas também é necessário defendê-los. Porque, o dogmatismo das religiões reveladas, hoje foi substituído pelo totalitarismo das ideologias, sejam as do Estado ou da Raça, as de Classe ou finalmente as dos sistemas tecnocráticos. Esses diversos totalitarismos ameaçam, hoje como ontem, o homem de nosso tempo, ainda que com artifícios de linguagem afirmem querer libertá-lo.

Se a grandeza do homem, sua aventura mais heróica é tornar-se um verdadeiro homem, devemos saber que o lugar privilegiado deste novo nascimento, centro de união dos homens de boa vontade, é para nós a “Loja Maçônica”, justa e regular . É nas Lojas Maçônicas que o destino da humanidade foi forjado há 250 anos. É ainda nestas Lojas Maçônicas que se forjará a humanidade de amanhã.

Hoje os Estados estão hesitantes, tentando cooperar pacificamente, mas se armando a ponto de poderem destruir toda a humanidade. Alguns pensam que podem impor sua dominação pela intimidação, até a guerra mundial, mas estão andando na corda bamba e correm o risco de derrubar toda a humanidade com eles no abismo. Os problemas colocados pela assimilação de uma comunidade mostraram que grandes impérios, movidos por uma visão única, estavam fadados à destruição. O instinto vital de nossa espécie é defender energicamente nossa particularidade.

A iniciação maçônica abre a mente para a diversidade, tolerância, respeito e amor pelos outros. Permite-nos livrar-nos dos nossos preconceitos e imaginar uma profunda reorganização dos nossos estilos de vida, dos quais somos prisioneiros. Assim, a Maçonaria moderna é o começo de uma nova civilização. Se para a sobrevivência da humanidade a diversidade de culturas é tão importante quanto a biodiversidade, então a Maçonaria ainda é relevante.

Estamos suficientemente conscientes disso? Somos dignos desta herança? Não desperdiçamos ou traímos nosso potencial? Como nosso patrimônio pode contribuir para o sucesso da construção pacífica de uma civilização planetária multicultural?

Os fundadores da Maçonaria moderna estavam entre os pensadores mais esclarecidos de seu tempo. Cientistas e filósofos, eles evoluíram junto com o movimento iluminista. Eles tiveram

intuição e, sem dúvida, também os meios para compreender racionalmente o espírito de seu tempo e traduzi-lo em ação.

A fim de transmitir a maravilhosa riqueza de conhecimentos acumulados pelas gerações anteriores ao maior número de seus contemporâneos e sucessores, eles a compilaram na forma de rituais e símbolos, regidos pelas regras específicas de um sistema iniciático. Eles não trataram esse conhecimento, pontos de vista e práticas de um ponto de vista histórico. Também não os expuseram de forma lógica, mas representados por imagens fáceis de lembrar. Ao contrário das enciclopédias “reais”, os símbolos e rituais maçônicos não descrevem o conhecimento, eles se contentam em evocá-lo e traçar os elos que os unem através das civilizações.

A origem dos símbolos, ritos e rituais maçônicos é surpreendentemente díspar. À primeira vista, misturar as culturas egípcia, grega e romana, as religiões judaica e cristã, os processos de iniciação dos alquimistas e dos templários, reunindo no mesmo grupo maçons “operativos” e “especulativos”, corria o risco de acabar numa caleidoscópio de contradições. Nossos eruditos predecessores certamente foram capazes de elaborar um sistema coerente sem recorrer a essas misturas, sem aparentes anacronismos e interpretações errôneas. Por que então, a seus olhos, pareceria necessário nos transmitir sua visão do mundo por um método que exige a aquisição de um filtro para sua leitura que nos permita compreender?

A resposta a essas perguntas é encontrada na prática maçônica.

A Maçonaria Moderna é uma espécie de “enciclopédia universal condensada”.

Para “desempacotar” esse conhecimento, seus seguidores devem fazer um esforço intenso. O objetivo não é adquirir todo o conhecimento contido nos rituais e símbolos; cada um adquire a informação que está de acordo com seu próprio conhecimento e experiência. No entanto, a imersão na atmosfera das lojas estimula o estudo das mais variadas ideias, muitas vezes distantes do que os maçons encontram em seu dia a dia. Aprendem rapidamente a decifrar símbolos, a ouvir as opiniões mais contraditórias e a tolerar até mesmo aquelas que se opõem às suas convicções. Não se trata de aceitá-los passivamente, nem de renunciar à própria personalidade, muito pelo contrário. As trocas que se seguem são uma boa prática para fundamentar os próprios pensamentos e também para articulá-los com clareza, sem tentar impô-los aos outros. Essa expansão do horizonte desenvolve a imaginação. Por extensão, a iniciação maçônica deixa claro que tudo na terra está ligado, a ponto de ser interdependente.

Os fundadores da Maçonaria moderna estavam à frente de seu tempo. Para tornar “palpável” os laços que unem todos os humanos e “reunir o que está disperso”, forjaram a noção de “fraternidade universal”. Eles queriam que a Maçonaria fosse o ponto de partida e o centro de união dessa nova humanidade.

Senhores, somos a Maçonaria universal.

Néstor L. Hernández

Vice-Grande Chanceler

Gran Logia de la Argentina